

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: OESP

Class.: 63

Data: 26/04/94

Pg.: 4

Eleições

Índios em campanha prometem lutar também pelas causas dos brancos

Quase sem dinheiro, nove candidatos disputam vagas na Câmara e nas Assembléias Legislativas se apresentando como alternativa aos políticos tradicionais

MARCO UCHÔA

Os índios estão cada vez mais próximos da política. Com cacochetes de tupi-guarani, apesar do convívio com os brancos, três índios disputam uma vaga no Congresso. Prometem formar uma bancada unida e decidida a lutar contra a imagem de exóticos. A invasão indígena também deverá chegar às Assembléias Legislativas de quatro Estados — Amazonas, Roraima, Amapá e Mato Grosso do Sul — onde seis índios já colocaram suas campanhas nas ruas e aldeias.

É a primeira eleição em que esse grupo aparece em maior número. Alguns candidatos são conhecidos, caso do cacique Mário Juruna, eleito deputado federal pelo PDT do Rio em 1982 e que agora tenta voltar ao Congresso pelo PDT do Distrito Federal. As propostas dos nove índios candidatos são praticamente as mesmas: demarcação de áreas indígenas e proteção aos direitos dos índios.

Para conquistar eleitores, eles se apresentam como alternativas para mudar o cenário político e procuram deixar claro que, no poder, defenderão também causas dos brancos. "Vamos atuar em favor de toda a sociedade", explica Clóvis Ambrósio Wapixana (PT-RR), de 48 anos, que concorre a uma vaga na Câmara. Outro ponto em comum entre os índios candidatos é o fato de estarem em legendas de esquerda: PT, PTB, PSB e PC do B. "Optei pelo PT por causa do histórico de luta em favor das minorias", comenta Wapixana.

Ele faz campanha em 120 aldeias de Roraima, onde vivem cerca de dez mil eleitores das tribos uapixanas, macuxi e ingariçó. "Os brancos visitam os índios só nessa época e distribuem ferramentas, camisetas e santinhos", critica. Wapixana não conseguiu dinheiro para fazer cartazes e só teve recursos para três mil santinhos. Em 1992, ele disputou uma vaga na Assembléia Legislativa de Roraima, mas só recebeu 50 votos.

Sem carros, barcos ou aviões para chegar às aldeias, os candidatos não hesitam em pedir carona. "É o jeito", lamenta Gersen Baniwa (PT-AM), 30 anos, candidato a deputado estadual que mora em São Gabriel da Cachoeira, a 750 quilômetros de Manaus. Ele espera 70% dos votos dos 40 mil índios que vivem em 400 aldeias nas regiões do Alto e Médio Rio Negro.

Baniwa está estreando na política. "Precisamos de oportunidades para provar que somos competentes", diz. Ele orienta os índios a aceitar os "presentes" dos candidatos brancos, como ferramentas, redes e chaveiros. "Procuramos mostrar que essas pessoas só os procuram durante o período de eleição e que um candidato índio não tem recursos porque são sempre os mesmos no poder", comenta Baniwa.

O PT é forte na região. Nas eleições de 1989, Luiz Inácio Lula da Silva ganhou de Fernando Collor, nos dois turnos, em Iauaretê, Içana, Paricachoeira, Querari e Taracuaá, onde Lula ganhou por 72 vo-

tos a zero. Euclides Pereira (PT-RR), de 30 anos, defende a demarcação da área Raposa/Serra do Sol, onde vivem cerca de dez mil índios macuxis e uapixanas. Mais de 20% dos eleitores de Roraima são descendentes de índios. "Vamos tentar sensibilizar essas pessoas com o discurso de que estamos cansados de ser usados por políticos desonestos", comenta Pereira, que já visitou 120 aldeias na região. No Estado inteiro, vivem cerca de 30 mil índios.

ACESSO A ALDEIAS É DIFÍCIL SEM RECURSOS

Marcos Terena (PT-DF) tem o apoio de entidades não-governamentais e de servidores da Fundação Nacional do Índio (Funai). O mais radical de todos é Pedro Ticuna (PC do B-AM), que quer uma vaga na Assembléia Legislativa do Amazonas com o voto dos 20 mil ticunas da região, uma das tribos mais numerosas do País. No Amapá, Cristiano Caripuna (PSB-AP) afirma que não é só candidato dos índios. "Quero defender toda a sociedade", comenta. Em 1990, ele tentou se eleger pelo extinto PDC.



O cacique está de volta à política: "Agora vai ser diferente"

Juruna aposenta gravador e tenta se eleger de novo

Ex-deputado que chamou ministros de ladrões diz que fitas estão muito caras

O cacique Mário Juruna (PDT-DF), primeiro e único parlamentar indígena da história do Brasil até o momento, é conhecido no meio político por suas polêmicas, mas principalmente por não ter se desgrudado de um gravador logo após ter sido eleito deputado federal pelo PDT carioca, em 1982. Virou motivo de piadas. Quase foi cassado em 1983 por ter chamado, num discurso, o então presidente João Figueiredo e seus ministros de "ladrões". Conseguiu ser eleito presidente da Comissão do Índio da Câmara, mas naufragou na tentativa de se reeleger.

Acabou saindo do cenário político com a sua marca registrada: o gravador que, segundo ele, era usado à época para intimidar políticos mentirosos. Onze anos depois, ele confessa que não se arrependeu em nenhum momento por ter xingado os ministros de "ladrões". "Faria tudo de novo porque nada mudou desde aquela época", explica.

Mas anuncia uma mudança. "Não quero mais saber de gravadores", confessa Juruna. "Os políticos mentem tanto que seria preci-

so muita fita cassete para registrar as promessas, as fitas estão muito caras e não tenho dinheiro para isso." E conclui: "Meu gravador está aposentado."

A mais importante vitória de Juruna no Congresso foi ter conseguido aprovar um projeto alterando a composição da diretoria da Fundação Nacional do Índio (Funai), o que garantiu a formação de um conselho diretor para fiscalizar a atuação da entidade nas áreas indígenas. Ele reclama da falta de dinheiro para colocar sua campanha nas ruas e mostrar que é candidato mais uma vez. "As pessoas ficam assustadas quando sabem que estou disputando", diz.

"Sinto que posso contribuir muito para melhorar a situação dos índios e dos brancos do País", afirma.

Ele confessa que só aceitou se candidatar porque foi convencido por amigos, entre eles, o candidato do

BRIZOLA O CONVENÇEU A BUSCAR REELEIÇÃO

PDT à Presidência, Leonel Brizola. "Ele disse que eu não podia dispensar essa oportunidade." Ainda com cabelos geométricos, Juruna mora numa cidade-satélite de Brasília, lamenta não ter dinheiro para fazer campanha e investe na periferia do Distrito Federal. "Procuramos mostrar às pessoas que se não pude fazer muito no Congresso foi porque os políticos brancos não me levaram a sério", diz. "Agora vai ser diferente." (M.U.)